

OUTROS ENSAIOS



Ferreira de Araújo, ponte entre o Brasil e Portugal

ELZA MINÉ

Universidade de São Paulo

RESUMO: TEM-SE EM VISTA CHAMAR A ATENÇÃO PARA A FIGURA UM TANTO ESQUECIDA DE FERREIRA DE ARAÚJO E PARA A INTENSA AÇÃO CULTURAL POR ELE EXERCIDA ATRAVÉS DAS PÁGINAS DA *GAZETA DE NOTÍCIAS* DO RIO DE JANEIRO (1875-1900). ESTE JORNAL, ALÉM DE VIA DE ACESSO A INTERPRETAÇÕES DO DESENVOLVIMENTO SOCIO-CULTURAL BRASILEIRO NO ÚLTIMO QUARTEL DO SÉCULO XIX, PODE TAMBÉM SER VISTO, DADA A EXPRESSIVA PARTICIPAÇÃO NELE MANTIDA POR ESCRITORES PORTUGUESES, COMO UM ESPAÇO PRIVILEGIADO PARA A CONSIDERAÇÃO DAS RELAÇÕES CULTURAIS BRASIL/PORTUGAL NESTE PERÍODO.

RESUMEN: SE PRETENDE LLAMAR LA ATENCIÓN HACIA LA FIGURA UN TANTO OLVIDADA DE FERREIRA DE ARAÚJO Y HACIA LA INTENSA ACCIÓN CULTURAL POR ÉL EJERCIDA A TRAVÉS DE LAS PÁGINAS DE LA *GAZETA DE NOTÍCIAS* DE RÍO DE JANEIRO (1875-1900). ESTE PERIÓDICO, ADEMÁS DE VÍA DE ACCESO A INTERPRETACIONES DEL DESARROLLO SOCIO-CULTURAL BRASILEÑO EN EL ÚLTIMO CUARTO DEL SIGLO XIX, PUEDE TAMBIÉN SER VISTO, DADA LA EXPRESIVA PARTICIPACIÓN EN ÉL MANTENIDA POR ESCRITORES PORTUGUESES, COMO UN ESPACIO PRIVILEGIADO PARA LA CONSIDERACIÓN DE LAS RELACIONES CULTURALES BRASIL/PORTUGAL EN ESTE PERÍODO.

PALAVRAS-CHAVE: FERREIRA DE ARAÚJO; PERFIL INTELECTUAL; *GAZETA DE NOTÍCIAS*; RELAÇÕES CULTURAIS BRASIL/PORTUGAL; IMPRENSA BRASILEIRA (1875-1900)

PALABRAS-CLAVE: FERREIRA DE ARAÚJO; PERFIL INTELECTUAL; *GAZETA DE NOTÍCIAS*; RELACIONES CULTURALES BRASIL/PORTUGAL; IMPRENTA BRASILEÑA (1875-1900)

Um resgate necessário

Para termos bem presentes o prestígio e o papel de fundamental importância desempenhado na imprensa brasileira pela *Gazeta de Notícias*, no último quartel do século XIX e inícios do século XX, bem como da intensa ação cultural exercida através de sua páginas por seu co-fundador, co-proprietário e redator-chefe, Ferreira de Araújo, bastaria evocar as palavras de Olavo Bilac (colaborador regular da folha carioca desde abril de 1890), por ocasião da inauguração de um monumento erigido em memória de Ferreira de Araújo, em 1905, cinco anos após a sua morte:

Se já temos, – nós, os que escrevemos, – um público, pequeno, mas inteligente, devemo-lo, em grande parte, a esse mestre exemplar, que, num tempo em que a imprensa diária ainda era um luxo caro, decidiu colocá-la ao alcance de todos, barateando-a, e popularizando-a.

Foi ele quem chamou ao jornal a gente moça, que se ensaiava nas letras. Na *Gazeta de Notícias*, que possuía a colaboração preciosa de Machado de Assis, de Eça de Queirós e de Ramalho Ortigão, – começaram a aparecer os rapazes cheios de talento, mas ainda sem nome, que daquelas colunas se impuseram ao público [...] Foi também na *Gazeta* que os pintores, os escultores, os músicos encontraram sempre defesa, amparo, propaganda. Ferreira de Araújo adorava todas as artes[...]¹

Nas páginas da *Gazeta de Notícias*, entre os textos de homenagem a Ferreira de Araújo, por ocasião de sua morte, a maioria deles ainda por resgatar, se inclui o depoimento cheio de admiração de Machado de Assis, sob forma de carta a Henrique Chaves, com data de 21 de setembro de 1900, hoje recolhido em livro², em que se lê:

[...] Agora que ele se foi, podemos avaliar bem as qualidades do homem. Esse polemista não deixou um inimigo. Pronto, fácil, franco, não poupando a ver-

¹ “Crônica”, Kosmos, Rio, 1905, p.3, reproduzido em BILAC, Olavo, *Vossa Insolência: crônicas*. Antonio Dimas, org. São Paulo, Companhia das Letras, 1996, p.187-9.

² MACHADO DE ASSIS, J.M. *Obra Completa*. Rio, Aguilar, 1962, v.3, p.1019-1021.

dade, não infringindo a cortesia, liberal sem partido, patriota sem confissão, atento aos fatos e aos homens, cumpriu o seu ofício com pontualidade, largueza de ânimo e aquele estilo vivo e conversado que era o encanto dos seus escritos. As letras foram os primeiros ensaios de uma pena que nunca as esqueceu inteiramente. O teatro foi a sua primeira sedução de autor.

Vindo à imprensa diária, não cedeu ao acaso, mas à própria inclinação do talento. Quando fundou esta folha, começou alguma coisa que , trazendo vida nova ao jornalismo, ia também com o seu espírito vivaz e saltitante, de vária feição, curioso e original. Já está dito e redito o efeito prodigioso desta folha, desde que apareceu; podia ser a novidade, mas foram também a direção e o movimento que ele lhe imprimiu.[...]

Nos inícios da década de 80, no tempo em que Mariano Pina que substituiu Guilherme de Azevedo, era correspondente da *Gazeta de Notícias* em Paris (1880-1882) e em que Eça de Queirós começava a publicar em suas páginas as “Cartas de Inglaterra” (1880-1882), nelas também já encontramos, para citar apenas alguns, Valentim Magalhães, Machado de Assis, Domício da Gama, além do já citado Ramalho Ortigão, com suas “Cartas Portuguesas”, e que ali realizou , em 1878, o que hoje chamaríamos de “cobertura” da Exposição Universal de Paris, textos que depois integraram o volume *Notas de viagem*.

Aliás, foi a convite de Ferreira de Araujo que Ramalho Ortigão visitou o Brasil em 1887, vindo a São Paulo em 3 de outubro, onde chegou na Estação do Norte para contatos e visitas, e onde o esperava o poeta Olavo Bilac, conforme dados registados no jornal *A Província de S. Paulo* (hoje *O Estado de São Paulo*). No Rio, participou da inauguração do Gabinete Português de Leitura , tendo sido o seu discurso reproduzido em órgãos de imprensa brasileiros. A visita de Ramalho teve, assim, um caráter nitidamente institucional: era um visitante ilustre, atuando como representante das letras portuguesas no Brasil.

Retomando o fio, se de um lado, como já lembrado, se fez notório o empenho de Ferreira de Araujo em prol de uma “democratização” da imprensa, mediante o barateamento do jornal (a *Gazeta*, quando de seu aparecimento em 2 de agosto de 1875 custava 40 réis o número avulso, que passou a ser vendido diretamente ao público) e também o seu apoio a toda uma geração literária e artística nacional, de outro, os próprios nomes anteriormente cita-

dos, a que se poderia juntar ainda, pelo menos os de Jaime Batalha Reis e de Oliveira Martins, este último responsável pelos balanços dos anos de 1886 a 1888 e 1890, relativamente à Europa, dão contas do estreito relacionamento que manteve com escritores portugueses, através da *Gazeta*.

Numa espécie de “gesto reivindicatório”, parece-me relevante e oportuno que se resgate a figura um tanto esquecida de Ferreira de Araújo, e que se veja a *Gazeta*, não apenas enquanto suporte da produção de um Eça, de um Machado, que é responsável por perto de 500 crônicas (1883 a 1897), mas enquanto um projeto jornalístico brasileiro, articulado às bases de reflexão de seu editor-redator, exibindo direcionamentos de sua ação sócio-cultural à frente da publicação, num tempo em que os jornais, muito mais até do que hoje, nos revelavam talvez mais flagrantemente particularidades das sociedades que os produziam. Assim sendo, acreditamos que a *Gazeta* possa ser vista como uma via de acesso privilegiada a interpretações do desenvolvimento sócio-cultural no Brasil oitocentista e espaço onde relações culturais Brasil/Portugal têm lugar.

No que diz respeito ao primeiro aspecto evocado, lembremo-nos que, nos anos 70 e 80 do século XIX, o Brasil vivia uma época politicamente agitada, em que se discutia nosso futuro como nação, cujos ecos ressoam nas páginas do jornal carioca. Aliás, a coluna de Ferreira de Araújo – “Cousas Políticas” (1883-1885) – nos fornece elementos para apreender e discutir o engajamento da *Gazeta* nos debates políticos e sociais prioritários nesse período. Revela, por outro lado, a inegável propensão de Ferreira de Araújo para o humor, com a procura da nota cômica, e respectivas estratégias discursivas. Não estranha, assim, a grande admiração sentida por Eça de Queirós, de quem foi grande amigo. Em ambos, a mesma fé e adesão ao “riso que peleja”, para usar uma expressão queirosiana.

Também será este o ingrediente básico na contribuição de Ferreira de Araújo para a seção “Balas de Estalo”, publicada de 1883 a 1886, em que figura com o pseudônimo de Lulu Sênior. Entre os colaboradores da referida seção contamos ainda com Henrique Chaves, Machado, Valentim Magalhães, todos eles também com pseudônimos.

Presentemente, não obstante as diferenças entre as “tradições historiográficas, é marcante em todas elas o interesse pelo resgate de trajetórias singulares”. Nota-se, também, que um número significativo de historiadores “pro-

cura pensar a articulação entre as trajetórias individuais examinadas e os contextos nos quais estas se realizaram como uma via de mão dupla, sem cair nem no individualismo exacerbado (como nas biografias tradicionais, do tipo ‘a vida dos grandes vultos’) nem na determinação estrutural estrita”³. Esta a orientação que vimos seguindo. Esclareça-se, ainda, que no traçado de nosso perfil intelectual de Ferreira de Araújo estamos procurando compreender o diálogo por ele estabelecido com a produção intelectual e artística de seu tempo e buscando uma avaliação de seu papel como agente cultural. Assim sendo, seus posicionamentos em face da literatura e da crítica, suas relações com as artes, estão sendo buscados em seus próprios escritos, em testemunhos de contemporâneos, correspondências, papéis pessoais, artigos sobre o jornalismo do período e histórias da imprensa.

Uma janela para o mundo: a rede de correspondentes estrangeiros

A *Gazeta* primava pelo cuidado extremo com que mantinha sua rede de correspondentes (na França, na Itália, na Alemanha, em Portugal), despendendo, para tanto, somas consideráveis, conforme ecos encontrados nas cartas de Elísio Mendes (um de seus diretores), Eça e Batalha Reis, depositadas na Biblioteca Nacional de Lisboa. E é na qualidade de correspondentes que, na “literária *Gazeta*”, como a chamaram, se inscreve um rol ilustre de intelectuais e escritores portugueses que de Londres, de Paris, de Lisboa, enviam suas matérias para o Rio de Janeiro. Tal fato traz como consequência, como dissemos no início, que a *Gazeta de Notícias*, no último quartel do século XIX, se constitua num espaço privilegiado para o estudo da presença portuguesa na nossa imprensa periódica, bem como para o estudo das relações literárias Brasil/Portugal.

Assim é que, em 1880, Guilherme de Azevedo, o poeta celebrado de *Alma Nova*, mudou-se para Paris, para ali desempenhar as funções de correspondente do referido jornal carioca, cargo em que permanece até 1882. Por essa altu-

³ SCHMIDT, B.B. “Construindo biografias...Historiadores e Jornalistas”, in Estudos Históricos.Indivíduo, Biografia, História. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas Editora, v.10, n.19, 1997, p.3-21

ra, Eça de Queirós ali começava a publicar as suas *Cartas de Inglaterra* e Valentim Magalhães, Machado de Assis e Domício da Gama eram alguns dos brasileiros que então também assinavam colaborações. Da França, Guilherme de Azevedo enviou para publicação, 28 “Cartas de Paris”, 8 “Crônicas de Paris”, boa parte delas reproduzidas no *Diário da Manhã*, de Lisboa, além de numerosos “Correios de França”, que eram publicados sem assinatura.⁴ Com a sua morte, Mariano Pina substituiu-o na função, de 1882 a 1886.

De Portugal, vinham as já mencionadas “Cartas Portuguesas” de Ramalho Ortigão. Como correspondente em Lisboa, Ramalho assinou mais de 500 matérias na *Gazeta*, de 1879 a 1915 (com intervalos), sendo aproximadamente 200 ainda inéditas em livro.⁵

Voltando-nos agora para Jaime Batalha Reis, observamos que ele colaborou na *Gazeta de Notícias* desde 8 de fevereiro de 1892 até 18 de fevereiro de 1896, incluindo-se a maioria das matérias produzidas (que aparecem com pseudônimos e, algumas, sem assinatura) no terreno das artes e especialmente da música, de que era grande conhecedor, além das que, já reunidas em livro, correspondem a uma visão da Inglaterra, onde foi correspondente para o jornal do Rio.⁶

Aliás, foi da Inglaterra que estabeleceu a ponte com o Brasil, primeiro através da *Gazeta* e depois pela via diplomática (Batalha foi cônsul em Londres de 14-05-1898 a 27-03-1911). Por este canal, realizou contatos, fez amigos, teve oportunidade de obter livros e discutir autores, compartilhar impressões e inteirar-se de um “Brasil pensante e literário”. Foram os amigos brasileiros, com quem conviveu assiduamente durante 4 ou 5 anos, que lhe despertaram o interesse pelo país e pela literatura brasileira. Em seu espólio, depositado na Biblioteca Nacional de Lisboa, encontram-se os ecos de uma convivência próxima com Joaquim Nabuco, Graça Aranha, Domício da Gama,

⁴ João Carlos Zan, em sua dissertação de mestrado, “Guilherme de Azevedo na Gazeta de Notícias”, defendida na USP (Área de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa) em 1998, coligiu e preparou uma edição anotada desse material.

⁵ João Carlos Zan levantou e vem estudando essas colaborações, para sua tese de doutoramento, em elaboração, a ser apresentada na USP, com o título de “Ramalho Ortigão e o Brasil”.

⁶ REIS, Jaime Batalha. *Revista Inglesa. Crônicas, org., introd. e notas de Maria José Marinho*. Lisboa, Publicações D.Quixote / Biblioteca Nacional, 1988.

Eduardo Prado, Tristão da Cunha, Magalhães Azeredo, Aluísio de Azevedo, Cardoso de Oliveira e Manuel de Oliveira Lima⁷.

Em 1904, nasceu seu projeto de apresentação e discussão, pela imprensa portuguesa, da literatura e da cultura brasileiras que denominou: *O descobrimento do Brasil intelectual pelos portugueses do século XX*⁸. O processo de recepção da literatura brasileira vê-se, em Batalha Reis, centrado na questão da imagem que faz do país, do povo sendo este um fator que antecede, permeia e até mesmo direciona o diálogo crítico que estabelece com os textos de autores brasileiros.

Quanto a Eça de Queirós, além de *A Relíquia*, dos dois últimos capítulos de *Os Maias*, das “Notas e recordações” e de algumas cartas de Fradique Mendes e de uns poucos contos, publicou ele, através das páginas da *Gazeta de Notícias*, 58 textos de imprensa completos, estampados em 116 números do jornal, de 1880 a 1897 (embora com intervalos), hoje reunidos num só volume na edição crítica das suas obras⁹. Eça foi ainda o mentor e o responsável pela criação do “Suplemento Literário” daquela folha Rio de Janeiro, o primeiro do gênero que no Brasil se editou. De toda a sua produção jornalística, a mais representativa é, sem dúvida, a que se registra na *Gazeta* e que constitui o que se pode considerar a obra jornalística do autor, pensada e elaborada tendo em vista o público brasileiro, por meio de um mesmo e único veículo.

Uma imagem do país e do brasileiro se inscreve, sem dúvida, nesses textos jornalísticos. Mas é uma imagem esgarçada, fragmentária, pouco nítida, projetada por um olhar que nunca deixou de ser eminentemente eurocêntrico. Assim, tanto o Brasil de Eça, como o de Batalha Reis é um Brasil entrevisto.

Voltando a Mariano Pina, antes mencionado, tenha-se em conta que focalizá-lo é, de certo modo, encarnar e reunir, numa só figura, três pontos que são importantes para o exame das relações Brasil/Portugal no último quartel do século XIX: a consideração da *Gazeta de Notícias* como órgão que acolhe e irradia uma forte presença portuguesa na imprensa brasileira do

⁷ Esta correspondência, por mim preparada, será publicada brevemente.

⁸ V. REIS, Jaime Batalha. *O descobrimento do Brasil intelectual pelos portugueses do século XX*, org.pref., e notas de Elza Miné. Lisboa, Publicações D.Quixote, 1988.

⁹ QUEIRÓS, Eça de. *Textos de imprensa IV* (da *Gazeta de Notícias*), edição de Elza Miné e Neuma Cavalcante. Lisboa, Imprensa Nacional / Casa da Moeda, 2002, 685p.

período; o fato de ser Paris um ponto de encontro entre intelectuais e diplomatas portugueses e brasileiros, sobretudo no último decênio do século XIX; a criação de revistas ilustradas para circulação simultânea nos dois países.

De fato, se Mariano Pina (1860-1899) destacou-se no jornalismo português, emprestando sua colaboração a várias publicações lisboetas: *Diário do Comércio*, *Diário da Manhã*, *Diário Popular*, *Nacional*, *Correio Nacional*, *Espectro*, no nosso caso, interessam especialmente duas funções por ele desempenhadas no mundo da imprensa e que atestam sua relação com o Brasil: uma, já referida, a de correspondente em Paris da *Gazeta de Notícias*, do Rio, de 1882 a 1886 e outra, a de criador de *A Ilustração: revista de Portugal e do Brasil* (1884-1892), publicada em Paris até 20 de Outubro de 1890 e em Lisboa apenas na fase terminal (o último número é de 1 de Janeiro de 1892).

A Ilustração está entre outras publicações periódicas que se produziram para distribuição simultânea em Portugal e no Brasil, veículos importantes de divulgação de matérias de autoria de escritores e intelectuais de ambos os lados do Atlântico, irmanados pela língua comum e freqüentemente unidos pelos laços de uma convivência amiga mantida na França ou mesmo, mais amplamente, na Europa (que repercute em cartas e outros documentos da época). Outras revistas do gênero a destacar seriam: *Dois Mundos* (1877-1881) de Salomão Saragga; *A Revista* (1893) dirigida por José Barbosa e Jorge Colaço; a *Revista Moderna* (1897) do brasileiro Arruda Botelho¹⁰

A Ilustração: revista de Portugal e Brasil teve largo âmbito de difusão, chegando a uma tiragem de 16.000 exemplares. Publicou-se quinzenalmente em Paris até 20 de outubro de 1890 e em Lisboa apenas na fase terminal (o último número é de 1 de janeiro de 1892).¹¹ Das relações de *A Ilustração* com

¹⁰ Alexandra Alba Picone Jardim apresentou, em 2000, na área de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa da USP, uma dissertação de Mestrado em que estuda esta publicação, sob o título: “A Revista Moderna (1897-1899): uma publicação brasileira em Paris”.

¹¹ Na verdade, o mapeamento das colaborações brasileiras na publicação revela uma presença quantitativamente diminuta, predominantemente constituída pela publicação de poemas, exceção feita a alguns contos de Domício da Gama (com quem Pina convivera em casa de Eça), Artur Azevedo, Duque Estrada e Valentim Magalhães, de quem Mariano Pina se valeu para conseguir colaborações para a sua revista, e que em 1896 publicaria em Portugal, pela Parceria Pereira, o volume *A Literatura Brasileira*. Dentre os poetas, Olavo Bilac vem de longe à frente, mas ali também figuram Luís Guimarães, Gonçalves Crespo, Luís Murat, Luís Delfino, Silvestre Lima.

a *Gazeta de Notícias*, dei contas no artigo “Mariano Pina, a *Gazeta de Notícias* e *A Ilustração*: histórias de bastidores contadas por seu espólio”.¹²

Para finalizar, gostaria de apontar que, se Marialva Barbosa¹³, enfatiza a colaboração de literatos brasileiros, chamando a atenção para a colaboração de Machado de Assis, mas também para as crônicas de Olavo Bilac e Artur Azevedo e para as “Cartas Literárias” de Raul Pompéia, Silva Jardim e Adolfo Caminha, é meu intuito ressaltar a presença portuguesa em suas páginas.

Num e noutro caso, no entanto, concretiza-se o destaque dado à literatura, já anunciado no prospecto de lançamento, onde se lê: “além de um folhetim romance, a *Gazeta de Notícias* todos os dias dará um folhetim da atualidade. Arte, literatura, teatros, modas, acontecimentos notáveis, de tudo a *Gazeta de Notícias* se propõe a trazer ao corrente os seus leitores.”

Examinar as linhas mestras dessa publicação que, num tempo de mudanças radicais no Brasil, reúne uma constelação de colaboradores dos dois lados do Atlântico, considerando de modo particular a contribuição portuguesa, assim como traçar o perfil intelectual de seu animador, agente cultural, e jornalista no mais amplo sentido do termo, Ferreira de Araújo, são tarefas a que nos propomos em nosso projeto em processo, desenvolvido na Área de Estudos Comparados das Literaturas de Língua portuguesa da Universidade de São Paulo e de que apresentamos breve notícia.

Do ponto de vista da crítica a autores brasileiros, na seção “Crônica”, Mariano Pina focaliza a Casa de Pensão de Aluísio de Azevedo, para cujo enquadramento recorre a Eça e a Flaubert. Louis Ulbach, em 1887, assina um artigo de comentário geral a que intitula “A Literatura no Brasil”. O discurso de Ramalho Ortigão por ocasião da inauguração do Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro, antes referido, vem integralmente transcrito nas páginas da revista, bem como o artigo polêmico de Eduardo Prado, publicado na Revista de Portugal de Eça de Queirós, “Destinos políticos do Brasil”. Acompanha-o uma nota do editor em que, prevendo que o artigo iria “certamente levantar grande discussão na imprensa do Império, pela crueza da análise e pela frieza das observações”, procura enfatizar que o autor “se nos revela como um crítico e como escritor de primeira ordem, manejando na perfeição a língua portuguesa”. Eça de Queirós, anos depois, em 1898, na Revista Moderna, em belíssimo artigo, procurou contemporizar a veemência dos ataques de Prado, explicando-os pelo “amor ao passado”, pelo “medo de desaparecimento do velho Brasil”

¹² Revista da Biblioteca Nacional, Lisboa. S.2.vol.7, 1992, p. 23-61, reproduzido em MINÉ, Elza, Páginas flutuantes. Eça de Queirós e o jornalismo no século XIX. Cotia, SP, Ateliê Editorial, 2000, p. 195 - 242.

¹³ BARBOSA, Marialva. Os donos do Rio. Imprensa, Poder e Público. Rio de Janeiro, Vício de Leitura, 2000.